

Fantasia filarmónica (10)

Um suave milagre

*Adérito Silveira

Tantas vezes esbarro nas minhas dúvidas e limitações. Procuo escrever sobre pessoas e lugares, porque pessoas e lugares dão-me o fascínio irresistível que me impele de falar com devorada paixão. Pessoas e lugares passeiam em mim trespassando-me silenciosamente e devagar ...as memórias estão sempre associadas a rostos, a episódios rocambolescos ou não, fugazes, imperecíveis e ao mesmo tempo solenes, como monumentos de uma vida sempre continuada. Repetidas vezes, invade-me no corpo o perfume de uma saudade serena quando me vem à lembrança rostos e episódios que infundem uma comovente beleza da vida. Recordar, é pois homenagear alguém, que na força dos silêncios, sentimos que não estamos sós porque esse alguém continua conosco e nos faz companhia. Falar de fenómenos e revelações de bandas filarmónicas, é falar de um filão cultural e social que deve ser sempre lembrado e estudado como um conjunto inesquecível de aguarelas de magnífico recorte de descrições e traços sobre gentes e terras. Muitos músicos foram no seu tempo génios, considerados como pequenos deuses, porque alguns, levavam às festas multidões de povo que via na música filarmónica um escape e uma terapia capaz de curar males e sofrimentos de dias inteiros de trabalho mal remunerado ou dias atormentados com falta dele.

As bandas de música tiveram os seus génios e Mateus também os teve. Lembro um remoto ano de 1958 do mês de Agosto. Por volta das 04 horas, a banda parte em noite fria, obrigando os músicos a protegerem-se em cobertores e outros agasalhos, pois o frio, sorrateiro, facilmente entrava livre na camioneta de carga, propriedade da "Borróna". Outros metiam-se debaixo do tolde que havia de servir de protecção no coreto. A manhã estava repassada de um azul carregado de estrelas. A viagem era por demais longa. Ouviam-se ecos longínquos de aves que aos poucos ficavam mais perto, mudando de tonalidades e de melodias. Os trinados soltos de grilos, eram espécies de melopeias embaladoras e repousantes. Quem vai acordado, pode observar, já pela manhã, a beleza da paisagem, desfrutando, ao mesmo tempo de todo um imaginário de sonho e fantasia. Mirandela é já ali. O céu e a terra confundem-se em osmose, proporcionando uma curiosa elevação espiritual a quem não se deixa dormir. Surgem algumas casas, onde se ouve o cacarejar de galinhas, também elas ainda adormecidas e tontas. Um cão, corre teimosamente atrás da vetusta camioneta, que com o fumo denso saído do tubo de escape vai desencorajando o animal, que protesta debitando

escalas verdadeiramente caninas. Ao raiar da aurora, pressente-se o perigo... O Zé Gago é o primeiro a sentir os ziguezagues da camioneta, insinuando:

- Ó Álvaro –Rainho-, o “*chóffer*” vai endiabrado...ainda vamos bater – consciencializando o perigo, Álvaro Rainho, bate estrondosamente com a maceta do bombo na cabina, porém, já não foi a tempo. Nesse preciso momento o insólito acontece. Numa curva fatídica, antes de Mirandela, a camioneta, vira-se, ouvindo-se um estrondo forte contra o muro... os bancos grandes, onde os músicos iam sentados, caem soltos, despejando-os como se de pedra se tratasse. Acidente aparatoso, onde se fazia antever o pior. Os gemidos ecoavam por todo o lado, ouvindo-se queixumes e preces a Frei Vicente – ao que parece foram ouvidas - ...quando se julgava haver feridos graves, apenas meia dúzia de músicos apresentavam algumas escoriações. A camioneta, maltratada, ali ficou inutilizada e agora bem mais feia e sinistra. Perante algumas reticências do Mestre Ilídio em continuarem a viagem para Alfandega da Fé, a Banda lá prosseguiu ainda o longo caminho numa outra camioneta vinda de Mirandela...

Antes da chegada ao destino, gigantes aves dos céus, sobrevoam sobre os músicos, criando-lhes uma situação de algum receio. O Álvaro Galado, de língua enferrujada, irrompe sobre as hostes procurando impor alguma acalmia: “ são Grifos seus camelos...”. O Zé Gago reage”: *homes* esta, o homem é malcriado.” António Silveira, e António do Raul, contemporizadores, sentenciam: “vá meninos, tenham lá juízo...”

Alfandega da Fé avista-se lá ao fundo. Sente-se um aroma agradável a campo e a terra. O horário de chegada quase foi cumprido. Alguns instrumentos, estavam inutilizados. Porém, o desiderato é resolvido, porque na vila tinha havido até há pouco tempo uma banda de música e não foi difícil arranjar os instrumentos necessários para substituir. Pelo que se sabe, mesmo em condições difíceis para um bom desempenho, a Banda de Mateus revelou-se como um fenómeno artístico que escapa a uma qualquer compreensão. É um mistério, que muitos atribuem a um milagre... a devoção de músicos, continua a alimentar o futuro da banda. As recordações, são ainda hoje, para os mais velhos, imagens sublimes carregadas de grande significado e fé.

*aderito.silveira@hotmail.com